

Garimpeiros levam malária para 70% dos Ianomami em Roraima

A malária já atingiu 70 por cento dos índios Ianomami em Roraima, revelou o coordenador do Programa de Malária do Ministério da Saúde, Dilermando Rezende. Segundo o coordenador, "é impossível controlar a doença enquanto houver garimpeiros desorganizados" afirma Rezende. Mas a retirada dos invasores pode também significar a morte para uma parcela da população índia. Nos últimos tempos, os habitantes das Chaponas (Malocas) próximas a pistas controladas por garimpeiros, passaram a depender dos invasores para se alimentar e correm o risco de inanição.

Rezende explica que para "comprar" os índios, os garimpeiros promoveram distribuição de medicamentos, bebidas e alimentos. "Hoje, os índios já não caçam ou pescam para sobreviver e a dependência dos garimpeiros é tão grande que não deixa de ser um risco a saída deles" defendeu o coorde-

nador do programa. Mas ele garante que apenas com a saída dos invasores é possível controlar a doença em um prazo mínimo de três anos. Rezende, que esteve na área Ianomami recentemente, disse que os garimpeiros chegaram ao ponto de abrir covas para retirada de ouro nas entradas das malocas dos índios ou mesmo nos rios onde buscam água.

SARAMPO

Quatro crianças Guajajara da aldeia de Bacurizinho, no município de Grajaú (MA), morreram nos últimos dias em consequência de uma epidemia de sarampo que atinge a área indígena. A denúncia é de Nicássio Guajajara que foi para São Luís (MA) com quatro crianças doentes, entre filhos e netos, em busca de assistência médica. Uma delas morreu no dia 2 na Casa do Índio da capital maranhense por falta de assistência adequada. Somente

na família de Nicássio, oito pessoas já foram atingidas pela doença.

As 4 crianças levadas para São Luís haviam sido internadas no Hospital Santa Neuza, em Grajaú, mas "sem qualquer acompanhamento dos monitores de saúde da Funai", segundo Nicássio. Uma delas morreu no dia 30 de julho. "Os médicos só prestam os primeiros socorros. Foi assim que vi meu filho morrer e piorar o estado dos outros". Para evitar novas mortes, o Guajajara decidiu ir para São Luís.

Apesar do estado grave das crianças, elas ficaram o dia todo na Casa do Índio, onde foram atendidas pelo médico da Funai, Raimundo de Oliveira. Segundo ele, as crianças não podiam ser internadas porque não havia vaga nos hospitais da cidade nem carro da Funai para transportá-las. Como consequência, morreu a segunda criança da família de Nicássio.